

# São J. B. Scalabrini: santo tardio porque diferenciado

*Por Dirceu Cutti*

## **Um dedo de prosa**

No dia 17 de maio de 2022 o Vaticano decretou que o beato João Batista Scalabrini seria canonizado, fato ocorrido no dia 9 de outubro. Nasceu em 1839 e faleceu em 1905, o que nos possibilita dizer que foi tardiamente reconhecido como santo. Tal acontecimento fez com que milhares de pessoas mundo afora mirassem mais atentamente para este importante personagem da história da igreja.

Sempre que olhares recaem sobre uma pessoa, múltiplas facetas afloram. Fui provocado pela “*Travessia*” para relatar alguns aspectos do meu olhar sobre a pessoa de São João B. Scalabrini, a quem gosto de definir como mártir do cotidiano. Aceitei, mas de cara informo: vou ater-me a alguns aperitivos e bem ao estilo de um dedo de prosa.

De pronto informo: sei que o maior interesse em torno da figura em foco diz referência à sua atuação junto aos migrantes, falarei disso, mas para entender Scalabrini, no meu singelo olhar, é necessário ampliar o leque.

## **A canonização, foi uma surpresa?!**

Antes da resposta, pequena digressão. Afirmo acima que “o Vaticano decretou...”, e está correto, mas não esqueçamos, o Vaticano continua sendo um Estado, resquício da velha *Questão Romana* – o Estado italiano em formação usurpando o poder temporal da igreja e, esta, relutando para mantê-lo. Scalabrini queria vê-la superada, e nela mergulhou de corpo e alma, mas foi vencido. A paz foi selada apenas em 1929, com o Tratado de Latrão.

O Estado, é bom que se diga, tem razões que ultrapassam os limites “dos altares”, com aspas, pois o correto a dizer é: “ultrapassa os limites da itinerância de Jesus de Nazaré”, por isso, na minha ótica, é melhor afirmar: “o papa Francisco decretou”.

Foi uma surpresa? Para mim, pessoalmente, não! Por quê? Porque a sensibilidade do coração de Francisco para com as dores dos migrantes e refugiados deu *match* com a sensibilidade do coração de Scalabrini. Não podia ser diferente, não há outra razão! Vale lembrar a norma: para alguém ser canonizado, há necessidade do reconhecimento de ao menos dois milagres e, no

caso de Scalabrini, só há um. Mas o milagre que, em tese, faltaria foi o próprio Scalabrini que realizou em vida. Foi o milagre de não vergar diante da quantidade de peso que se abateu sobre seus ombros ao longo de todo seu episcopado, peso advindo de dois costados: o primeiro, de uma vida marcada pela doação cabal; e o segundo, pelas contrariedades, para dizer pouco, provocadas pela ala mais intransigente da época. Isso pressupõe entender Scalabrini em seu contexto histórico. Acenarei brevemente adiante.

### ***Quem foi João Batista Scalabrini?***

Discorrer sobre Scalabrini exigiria um número especial da *Travessia*. Vou valer-me de uma imagem para apenas indicar caminhos de respostas possíveis. Podemos nos aproximar deste personagem adentrando por cinco portas, sendo que uma delas nos possibilita acesso a uma pequeníssima janela.

A primeira porta é a da sua biografia. Menciono apenas que nasceu na Província de Como, norte da Itália; aos 36 anos, tornou-se bispo de Piacenza e faleceu em 1º de junho de 1905. Aos interessados por maiores detalhes, peço que deem um clique na internet para saciar a curiosidade. Ah, seu pai era proprietário de uma adega de vinhos, detalhe de suma importância para um “vero italiano”.

A segunda porta é a do currículo, ou seja, seu legado. Aqui não basta um clique, e se eu me atrevesse a mencionar seus feitos, avançaríamos páginas e mais páginas. Foram muitos, voltados para duas grandes vertentes: a do campo eclesial e a do campo social. E, amalgamando as duas, um destaque particularíssimo ao seu legado em prol dos migrantes.

A terceira porta é a do seu pensamento, seu substrato teórico. Noutras palavras, qual a sua eclesiologia? Qual a sua ideologia? Arrisco-me a dizer que não há necessidade de ficarmos aqui escarafunchando. Imperioso é entendermos. Explico-me: quanto à eclesiologia, a máxima “fora da igreja não há salvação” resume a visão de Scalabrini. No tocante à ideologia, cito apenas dois exemplos: em termos de gênero, dizia que a mulher, feita por natureza para os trabalhos domésticos, não deve empregar-se em atividades que não lhe dizem respeito; quanto ao papel dos leigos na igreja (e olha que Scalabrini valorizou sobremaneira os leigos), ele dizia: o leigo não é capitão, mas soldado; não é mestre, mas discípulo; não é pastor, mas ovelha. Porém, é bom observar, foi ele também que nos deixou dito: “O mundo caminha e nós não podemos ficar para trás”.

A quarta porta nos conduz para uma sala de luzes – é a porta das intuições. Trago apenas uma: “Para o migrante, a Pátria é a terra que lhe dá o pão”. Utopia de uma cidadania universal explicitada no momento em que o Estado moderno

italiano estava em formação. Desta porta podemos inferir que este santo homem, se preso em alguns aspectos ao passado, também se deixou catapultar em direção ao amanhã.

A quinta porta é a da própria pessoa de Scalabrini. Indo ao encontro dela, logo nos deparamos com dois traços que a marcam profundamente: o de pastor, em seu sentido pleno, e o de homem público. Dizia que era necessário sair do templo, ir aonde o povo está e ingressar na vida pública. Caro leitor, peço apenas alguns segundos a você, pois quero resgatar aqui a citação de uma carta escrita a Leão XIII pelo provincial dos carmelitas da Lombardia, pe. Romualdo, datada de 1884. Assim escreve ao papa: “Se Monsenhor Scalabrini fosse menos sábio, menos experimentado, menos ativo, se tivesse menos tato prático para com os assuntos de governo, se tivesse menos influência sobre a opinião pública, seria deixado em paz [...] mas ele é um daqueles homens que atrai a atenção dos inteligentes”. Não preciso acrescentar nada mais para realçar sua importância na vida pública.

### ***Mirada na janelinha***

Antes é necessário frisar que Scalabrini foi um estrategista de primeira linha, um executivo do Evangelho; isso o atestam as inúmeras iniciativas por ele empreendidas, repito, no campo eclesial e no campo social, bem como o que ele nos deixou por escrito. E entre seus escritos encontram-se inúmeras cartas e, dentre essas, uma volumosa correspondência (mais de 500 cartas), trocadas entre ele e o bispo da vizinha Cremona, Geremia Bonomelli, amigo do peito. Eu me atrevi a traduzi-las para o português. Foi ao longo desta tarefa que acabei tropeçando com a alma de Scalabrini. E este tropeço se deu através de uma janelinha embutida em meio ao conteúdo das missivas.

A correspondência Scalabrini - Bonomelli, que pelo teor do conteúdo eu denomino de labaredas de um momento histórico específico (final do século XIX), nas quais JB mergulhou com tudo e sofreu queimaduras de 1º, 2º e 3º grau, ela se apresenta eivada de apostos (refiro-me agora apenas às cartas de Scalabrini). O que dizem os apostos, aquilo que denomino de janelinha, noutros termos, o aparentemente insignificante, que pode perfeitamente ser subtraído do texto sem em nada prejudicá-lo? São reiteradas expressões reportando-se à pressa, cansaço, dor, sofrimento e raríssimas expressões de alegria. “Dói-me a alma” e “dói-me o corpo” são palavras que me soam resumir bem o que se passava em seu íntimo. Todavia, não podemos, a partir disso, imaginar um homem abatido. Muito pelo contrário, era de uma altivez extraordinária, inteligência polida e aguda, perspicaz. Mas não vou me estender por aqui, informo a quem interessar possa, que acesse alguns rabiscos meus, publicados pelo CEM/Missão Paz, sob o título “*Scalabrini: homem de dores e dissabores – mártir do cotidiano*”, também disponibilizados on-line.

## ***De onde advinham as dores?***

São duas as vertentes de dor que se lhe abatiam cotidianamente: uma, sobre seu corpo, e outra, no fundo de sua alma. Preciso reforçar novamente que JB era uma figura que se destacava por sua inteligência refinada, era dono de oratória brilhante, criativo, intuitivo, arguto, além de extremamente caridoso, verdadeiro pastor e obediente incondicional ao papa como garantia da unidade. Mas há um atributo que permeava os demais – era uma pessoa extremamente sensível. Como diria Dostoiévski, “O sofrimento e a dor são inerentes a uma ampla consciência e a um coração profundo”.

## ***As dores do corpo***

As dores físicas decorriam de problemas de saúde, intimamente relacionados ao excesso de atividades. Em 1884, o vemos dizendo a Bonomelli que a causa dos seus achaques era o querer fazer demais. Que o médico lhe garantira extirpar o mal pela raiz se tivesse juízo e diz ainda estar decidido a mudar de comportamento. Mudou? Em 1903, sempre ao amigo, confessa que os compromissos se apresentavam cada vez mais desafiadores, exigindo dele forças superiores aos seus limites físicos e morais. Apesar disso, afirma que seguiria em frente até suas forças aguentarem. E não mudou de ritmo. Pouco antes, em 1901, encetara viagem aos Estados Unidos e, logo na sequência, em 1904, visitaria o Brasil, percorrendo fazendas a cavalo no interior paulista e andando pela Serra Gaúcha em charretes improvisadas, em pleno inverno.

Mas há uma atividade que o exauria sobremaneira, as Visitas Pastorais. Realizou cinco, a todas as paróquias da sua diocese. Quando da primeira, eram 365; 200 só acessíveis na montaria. A pobreza era extrema em muitas delas, até em galinheiro teve que pousar, mas confessa a Bonomelli que naquela noite não conseguiu fechar os olhos em virtude dos bichinhos. E tem mais, numa das viagens, por empinada do cavalo, contraiu a hidrocele, causa indireta de sua morte prematura. Cá entre nós, era homem de fibra, destemido, de forte têmpera. Não havia dificuldade que pudesse detê-lo. Numa de suas crises de saúde, o médico lhe recomendou absoluto repouso; ao narrar o fato ao amigo, sabe o que disse? “Amarguíssimo tratamento!”.

## ***As dores do fundo da alma***

Impossível aqui narrar tudo. Mas vamos lá. Para entender as dores do fundo da alma, as que a dilaceravam, palavra por ele utilizada, é imperioso trazer minimamente à baila o contexto, algumas veredas trilhadas por nosso personagem.

JB vivenciou uma mudança de época. Os muitos “ismos” que foram pipocando com o advento da modernidade, a começar lá atrás com o iluminismo, na sequência o antropocentrismo, racionalismo, positivismo, liberalismo, socialismo, e por aí vai, foram tomando o espaço até então ocupado pelo teocentrismo. E mais: com o surgimento do Estado moderno, os tronos foram desbancados, entre eles, o do poder papal. A modernidade surgiu atea e anticlerical. O norte da Itália, chão palmilhado por Scalabrini, constituía, na segunda metade do século XIX, um fulcro efervescente. E ao contexto mais amplo, soma-se o processo de independência e unificação da Itália, longo e conturbado. Imaginem Scalabrini nesse turbilhão, uma vez que, para ele, fora da igreja não havia salvação. Mas, acredite, nessa praia ele nadou com desenvoltura. Repito aqui a frase dele: “O mundo caminha e nós não podemos ficar para trás”. E ele não ficava. Todas as suas iniciativas, e foram muitas, visavam, através de uma sadia concorrência, a evitar que o campo adversário, porque ateu, saísse em vantagem. Scalabrini era admirado e respeitado por muitos de fora da igreja, obteve até mesmo reconhecimento público por sua atuação social.

O grande imbróglcio que lhe tolhia o sono, acredite, se aninhava entre seus pares, no interior da igreja, quer da parte clerical, quer de lideranças do laicato.

As mudanças ocorridas no âmbito macro, aliadas ao contexto específico italiano, repercutiram fortemente no interior da igreja. O divórcio entre Igreja e sociedade, no caso italiano transformou-se em divórcio litigioso. O governo atacava de um lado e a igreja contra-atacava de outro, por exemplo: o primeiro, confiscando propriedades religiosas e obrigando os seminaristas a prestarem serviço militar por três anos; a igreja, proibindo os católicos de tomarem parte nos pleitos ao Parlamento e até mesmo excomungando adversários. Nessa esteira, no interior da igreja, surgiram duas correntes de pensamento: a dos que se aferravam ao passado, os intransigentes, e a dos que entendiam que era necessário caminhar com a história, os transigentes, dentre os quais Scalabrini e Bonomelli ocupavam lugar de vanguarda.

Acontece que, entre os intransigentes, havia uma ala mais radical. Seu QG residia no Vaticano, e, em Milão, encontrava-se sediado um dos mais importantes porta-vozes do papa, o jornal *L'Osservatore Cattolico*, o qual contava com seletos correspondentes em Piacenza, diga-se, que estavam nas barbas de Scalabrini. Ai de quem ousasse opor-se! Mas opor-se é uma palavra forte. Ai de quem procurasse um mínimo de diálogo! Ai de quem pensasse diferente! Os intransigentes utilizavam duas palavras mágicas para atacar a reputação dos adversários: as acusações valiam-se dos termos “liberal” (reportando-se ao campo político/cultural) e “rosminiano” (para o campo teológico/filosófico), sinônimos de ‘estar contra o papa’. E, na visão fortemente hierárquica da época, não podia haver acusação mais grave contra um prelado, motivo de escândalo entre as pessoas mais simples e de descrédito cada vez maior entre os “mais esclarecidos”.

Entretanto, se durante o papado de Pio IX os intransigentes recebiam apoio incondicional, com a assunção de Leão XIII (1878-1903), uma leve brisa começou a soprar noutra direção, o que não significa ânimos menos acirrados. O novo papa não deu ao jornal de Milão a mesma atenção do seu antecessor; no caso das eleições, Leão XIII acenou na direção de uma possível flexibilização; quanto aos escritos de Rosmini (a quem o papa Pio VIII encarregara de buscar pontos de diálogo do pensamento moderno com a teologia), aos quais os intransigentes se opunham radicalmente, Leão XIII mandou avisar Scalabrini que os adeptos de Rosmini poderiam debater livremente seus escritos deixados abertos à discussão. Não podemos esquecer que foi das mãos deste papa que veio à luz a *Rerum Novarum*, tratando da questão social. Apenas quanto à candente Questão Romana Leão mostrou-se intransigente desde o início.

Scalabrini embebeu-se na nova brisa. Todavia, no exato momento em que apostou todas as suas fichas acreditando que esta ganharia maior força, surpreendentemente, a nova brisa transformou-se num redemunho soprando em direção contrária, atingindo em cheio Piacenza. No meu singelo escrito a que já me referi, descrevo em detalhes o que denominei de tormentas enfrentadas por JB. Faço aqui apenas um aceno a duas delas, ocorridas em 1885/86.

### ***Opúsculo anônimo de 1885***

A primeira tormenta diz respeito a um escrito intitulado *“Intransigentes e transigentes, considerações de um bispo italiano”*. Antes, porém, deste escrito sair a público, líderes da intransigência de vários países, descontentes com a postura de Leão XIII, mas sem a coragem de botar a cara a tapa, valeram-se de um cardeal idoso, J. B. Pitra, recolhido aos estudos de paleografia, que engabelado por eles, soltou uma furiosa carta contra o movimento renovador e rasgando elogios aos que o insuflaram a escrevê-la.

O forte teor da carta gerou efeito contrário ao esperado e Pitra foi chamado a retratar-se publicamente. Mas não se deram por vencidos. Na sequência, lançaram outro escrito, desta vez anônimo, em termos não menos suaves, citando inclusive o próprio Leão XIII.

Na sua sagacidade, Scalabrini logo deu-se conta do veneno aí embutido; mexeu seus palitos e com a colaboração do cardeal Jacobini e do papa, lançou uma Carta Pastoral rebatendo fortemente os intransigentes radicais. A Carta obteve grande repercussão e total sucesso.

Com este trunfo em mãos, JB aproveitou o embalo e, em parceria com o papa, trouxe à luz o opúsculo *“Intransigentes e Transigentes...”* visando colocar um fim ou, ao menos, amenizar a barafunda existente. Era desejo seu que o

papa assinasse o Opúsculo, mas este, receoso, preferiu deixá-lo anônimo. O resultado? Invés de amainar a confusão, só fez botar mais lenha na fogueira. No QG central, no entorno do papa, os que faziam média com as posições dele retiraram a máscara de vez e desceram a lenha no escrito, sem falar do jornal de Milão e seus congêneres.

Pairava no ar, porém, a dúvida sobre a autoria do escrito. Bonomelli chegou a ser tido como suspeito, mas as canhonadas dos intransigentes rapidamente se voltaram todas contra Piacenza. Leão XIII, atordoado, imagino eu, não deu um pio sequer. Scalabrini, jogado sozinho aos leões, teve que suportar tudo em silêncio. Só lhe restava uma válvula de escape: compartilhar as aguilhoadas na alma com o amigo do peito, ou queixar-se a quem de direito. É bom sublinhar com todas as letras que, da sua boca, jamais saiu publicamente uma palavra sequer que pudesse contrariar o papa. Pessoalmente ou por carta, nunca deixou uma palavra para trás que julgasse importante pronunciar. Scalabrini, por mais de uma vez, foi duro com Leão XIII, como ele mesmo confessa ao amigo. Numa das cartas ao bispo de Cremona, diz que escreveu a Roma e disse tudo o que precisava ser dito, e arrematou: “sei que será um buraco n’água, mas ao menos deixo documentos para a história”.

Eu diria, usando uma expressão de Guimarães Rosa, que, neste episódio, faltou a Leão XIII “espírito de cavalo que escolhe estrada.” Noutros termos, luz própria para guiá-lo. Vale trazer aqui a dúvida “bonomeliana”, explicitada pelo amigo, anos mais tarde, em carta endereçada a uma condessa: “Até hoje”, disse Bonomelli, “não sei se Rampolla guiava Leão ou se Leão puxava a reboque Rampolla”. E emendou: “a solução do enigma, para a história”. Rampolla assumiu o cargo de Secretário de Estado em 1887.

### ***Eleições de 1886***

Vamos a outra tormenta na qual nosso personagem se viu envolvido. Em 1882, ano de eleições, JB martelou junto ao Vaticano para que, em casos excepcionais (onde os católicos fossem muito hostilizados por candidatos contrários à igreja, como era o caso de Piacenza), os mesmos pudessem participar nas eleições. Recebeu autorização verbal. Bonomelli suspeitou da autorização verbal, disse ao amigo que isso representava a indecisão que imperava no alto. Na prática, porém, não surtiu nenhum efeito naquele ano, pois tudo foi muito em cima da hora.

Vieram as eleições de 1886. O prelado voltou à carga e, com antecedência, obteve do Vaticano, desta vez por escrito, autorização para os católicos de Piacenza tomarem parte nas eleições. Evidentemente, tudo deveria ser feito sem alardes, na surdina, pois oficialmente prevalecia a orientação contrária. Não

entro em detalhes, deixo isso por conta da imaginação, apenas informo que o resultado foi de 4 a 1 a favor dos católicos. Não fica difícil supor o que adversários e *L'Osservatore* disseram. Mas não foram só manchetes em jornais; o próprio Vigário Geral da catedral encarregou-se de dedurar Scalabrini junto ao Santo Ofício, e não o fez sozinho: outros a ele se somaram atribuindo o resultado ao dedo do bispo.

Ele sequer em Piacenza estava, havia partido em Visita Pastoral às mais longínquas paróquias. No retorno, a bomba lhe caiu nas mãos. Precisou explicar-se ao Santo Ofício; o fez, por escrito, e pediu autorização para publicar a sua defesa. Não só o pedido lhe foi negado, como disseram que o caso não se encerrava por aí. Mais uma vez, diante do silêncio de Scalabrini, manchete em Milão dizia que Piacenza se transformara numa praça cedida ao inimigo. Mas mais chumbo o aguardava. O adversário mais ferrenho do bispo, que havia entre o laicato católico de Piacenza, o intransigente Carlo Radini Tedeschi, nada menos que presidente do Comitê Diocesano, foi condecorado publicamente pelo papa por sua postura em relação às eleições, contrária aos católicos tomarem parte no pleito. Por essa Scalabrini não esperava, pois o ato representava, perante todos, uma clara desaprovação à sua conduta.

Mais uma vez, não lhe restou outra brecha que a do desabafo sincero diretamente ao papa. E desabafou! Por reiteradas vezes solicitou que alguém do alto viesse a público em sua defesa quando atacado com mentiras e calúnias, verdadeiras *fake news*, ou, ao menos, que lhe dessem permissão para defender-se publicamente. Nunca o fizeram, apenas tergiversavam. Foram muitas as dores que lhe dilaceravam a alma.

Acrescento que, na sequência dessas turbulências, em 1887, escritos de Rosmini foram condenados pelo Santo Ofício, ou seja, o que Leão garantira a Scalabrini, há pouco mais de ano, teve curta data de validade.

### ***Uma palavra mais sobre o Vaticano***

Valendo-me mais uma vez de Guimarães Rosa quando diz que as coisas são tudo muito misturadas, no Vaticano sempre pulsou forte a postura palaciana em tensão dialética com o legado de Jesus de Nazaré. É sintomático o que aconteceu com o processo de beatificação de João Batista Scalabrini. Foi aberto pelo segundo sucessor seu em Piacenza, processo demorado, mas que, a um dado momento, foi lacrado a chaves numa das gavetas do Vaticano. Indagado sobre o motivo da interrupção, o papa João XXIII respondeu que não estava clara a postura de Scalabrini em relação à Santa Sé, especialmente no tocante à Questão Romana. Cá entre nós, a postura de Scalabrini com a Santa Sé sempre foi cristalina, sincera e coerente; a postura que não estava clara, como o atestam

as duas tormentas que acabei de narrar, era a que vinha do alto, e, neste sentido, a correspondência entre Piacenza e Cremona é pródiga em demonstrá-lo. Bonomelli a definiu bem – era postura de oscilação que perdurou até 1886. É bom lembrar que o extraordinário João XXIII vinha da linhagem intransigente. O processo só saiu da gaveta quando, à frente da igreja, esteve Paulo VI que reconheceu nele um precursor do Concílio Vaticano II. A beatificação ocorreu em 1997, sob o pontificado de João Paulo II, e com um detalhe a observar: na cerimônia vaticana, Scalabrini recebeu grande destaque como Renovador da Catequese (um aspecto *ad intra ecclesia*), e de fato o foi, mas no tocante à sua atuação em prol dos migrantes, apenas leve aceno.

### ***Seu maior legado – os migrantes. Estava isso escrito nas estrelas?***

Não estava escrito em astro algum, brotou foi do chão duro que Scalabrini pisava, dos ventos trazidos pela modernidade. Aliás, é bom frisar, a realidade foi sempre o ponto de partida de todas as ações empreendidas por Scalabrini. Alguma semelhança com o método de Paulo Freire, da Teologia da Libertação? Eu não disse que a quarta porta era de luzes? Mas voltemos à pergunta.

Quando ele assumiu a diocese de Piacenza, anunciou quais seriam as suas prioridades: as Visitas Pastorais, a Catequese e a Formação do Clero, pois as três careciam de particular atenção. Mas a realidade impôs uma quarta, que gosto de definir como “a prioridade não planejada”, ou seja, os migrantes, donde deriva seu extraordinário legado para a história, de atualidade cada vez mais candente. Por isso, o título que mais lhe faz jus é o de Pai dos Migrantes.

Quero sublinhar que a atuação de Scalabrini nessa seara explicita a nós uma profunda simbiose entre os dois traços que o caracterizaram: o de pastor e o de homem público. Noutras palavras, aliou sua grande sensibilidade à sua visão estratégica.

Antes mesmo de ser bispo, quando pároco em Como, se deparou com o drama da migração. E, por ocasião da primeira Visita Pastoral, enviou com antecedência às paróquias um questionário sociorreligioso com a finalidade de tomar pé da situação. Com o resultado em mãos e, na sequência, em contato direto com as comunidades, a constatação do êxodo só fazia avolumar-se, sem contar os relatos e apelos que lhe foram chegando do outro lado do Atlântico. Por mais de uma vez ouviu a expressão “ou roubar ou emigrar”. Num de seus escritos, e aqui quero citá-lo textualmente, lemos: “O que lhes direi é fruto de minha experiência pessoal. Mais do que nos livros, descobri na escola da vida as grandes e numerosas chagas e misérias que afligem a sociedade”. É conhecidíssimo entre nós scalabrinianos/as, o escrito “Estação de Milão”, um relato comovente de cena por ele presenciada naquela cidade onde centenas de

homens, mulheres, jovens e crianças aguardavam o trem em direção ao porto para dali zarparem rumo à América. Reporto apenas algumas palavras iniciais de alguns parágrafos: “Há vários anos assisti em Milão a uma cena, vi o salão, vi pessoas, vi suas faces sulcadas, vi a agitação dos sentimentos; eram emigrantes. Deixou-me na alma um sentimento de profunda tristeza. Parti comovido. Ante tal estado de coisas, perguntei e me pergunto: que solução buscar?”

Esta pergunta, calando fundo em sua alma, somada aos revezes sofridos, fez com que JB desse uma guinada. Lembra que falei da dúvida “bonomeliana”? Se Bonomelli deixou a resposta nas mãos do futuro, Scalabrini soube radiografar a realidade e efetuar o diagnóstico. Numa avaliação serena dos acontecimentos, escreveu ao amigo: “Os tempos não estão maduros” (não disse “são inférteis”), e mais: “As tradições possuem mais força do que a vontade das pessoas”. Soube compreender o enjaulamento em que o papa se encontrava e de AM passou para FM. Em 1887, ano da guinada, disse ao bispo de Cremona que esteve com o papa numa longa conversa, mas que esta girara quase toda em torno do assunto que agora o ocupava: a Emigração. E no tocante a este projeto, Leão XIII, pessoalmente, (e depois Pio X) deu-lhe todo o apoio, embora, no meu modo de entender, haja indícios de que, nos bastidores do Vaticano, houve, em meio a ambiguidades, não só tentativas de boicote, mas oposição que, aliás, se estendeu também após Scalabrini ter alçado seu voo definitivo. Mas não vou adentrar esta vereda.

Em 1887, após os zigue-zagues normais de quando se busca definir uma nova trilha, surge a Congregação dos Missionários, voltada para os italianos que se dirigiam à América. Mas julgou ser pouco, fundou também, oficialmente, em 1889, uma Associação de leigos, a São Rafael, que já vinha sendo gestada anteriormente.

Nos anos de 1891/92, Scalabrini percorreu as principais cidades italianas, proferindo conferências sobre a emigração, visando sensibilizar a sociedade italiana (clero, laicato e governo) para uma ação conjunta em prol dos emigrantes. Alçava a bandeira com duas palavras de ordem: Religião e Pátria (diríamos hoje, religiosidade e identidade). Sabia que o campo era minado, os intransigentes não queriam aproximação alguma com o governo e este detestava tudo o que fosse clerical. Mas insistiu, e, embora com resultados aquém do sonhado, conseguiu importantes avanços. E valia-se sempre da realidade dos fatos, pois, no campo das ideias, imperava a intransigência.

E os fatos eram: o crescente êxodo; os dramas e as dores dos que se viam compelidos a deixar a própria terra; a presença crescente dos agentes da migração, chamados por Scalabrini de “mercadores de carne humana”, pois, além das falsas promessas, sugavam até os últimos centavos; o fato de os emigrantes italianos serem os mais abandonados, pois diferentemente dos de

outras nacionalidades, iam ao encontro não só de uma terra desconhecida, mas de uma cultura estranha, sem contar o total descaso da parte governamental. Scalabrini lembrava o caso dos emigrantes alemães que também se dirigiam a países de idiomas desconhecidos, mas aos quais os governantes davam permanente assistência, e, como se isso não bastasse, foi naquele país que surgiu uma Associação (a São Rafael tedesca, na qual Scalabrini se inspirou), com muitos núcleos, com a finalidade de acompanhar de perto os que partiam.

A abrangência de atuação delineada por ele requeria marcar presença junto aos portos de embarque e desembarque, durante a travessia e nos locais de destino, mas não só; também fazia-se imperioso atuar na esfera legislativa.

Quando Scalabrini saiu a público, em 1887, levantando a pauta da emigração e conclamando os católicos e a opinião pública a somarem forças diante desta nova questão social, o Parlamento reagiu de imediato para evitar que a igreja tomasse a dianteira. No final do mesmo ano, um projeto de lei de emigração foi apresentado, com seus trâmites costumeiros. Scalabrini não dormiu no ponto. Escreveu ao seu colega de classe, Paulo Carcano, socialista, agora subsecretário de Estado, apresentando sugestões e criticando fortemente o teor “policialesco” da proposta em discussão. O escrito ganhou publicidade e grande repercussão. Mas o anticlericalismo predominou forte e Scalabrini foi vencido. Porém, a temática permaneceu em pauta e, com muito mais cacife da parte do prelado de Piacenza, uma nova lei, incorporando muitas das sugestões por ele apresentadas, foi aprovada em 1901. Na ocasião, houve quem dissesse “erramos todos” quando, no passado, não demos ouvidos a Scalabrini.

Não podemos esquecer que, em 1895, fundou também a Congregação das Irmãs e, pouco antes de seu adeus final, apresentou ao papa uma proposta para que a Igreja criasse um organismo central voltado para os migrantes de todas as nacionalidades. Sua missão estava cumprida.

### ***Palavra final***

João Batista Scalabrini acaba de ser tardiamente reconhecido como santo porque foi um santo diferenciado, e, cá entre nós, somente está tendo esse reconhecimento porque, à frente do Vaticano, encontra-se também um papa diferenciado. Por último, gostaria de encerrar com duas breves informações. Após sua morte, especialmente junto às testemunhas ouvidas para o processo de beatificação, uma toada se fez recorrente: quanto mais o tempo passa, mais a figura de Scalabrini se engrandece! A outra, de um contemporâneo seu, o sociólogo Toniolo, que cito textualmente: “[...] sou obrigado a reconhecer que este homem teve a intuição dos acontecimentos futuros, intuição própria das mentes superiores e dos corações generosos”.

